UNiSA Universidade de Santo Amaro

Pluralistas

# Crítica existencialista a masculinidade hegemônica: uma análise das obras de Franz Kafka

**Geovanny Martins de Godoy**[1]
**Josue Castro de Filho**[2]

## Resumo

A intencionalidade desta pesquisa é refletir sobre o modelo de homem hegemônico de maneira crítica através das obras de Franz Kafka. Diante desse intuito, buscaremos elucidar como uma sociedade machista traz relações inautênticas, violentas e adoecedoras para existência do homem como ser-no-mundo. O pensamento existencialista de Sartre e Beauvoir em diálogo com teorias de gênero guiará a pesquisa nomeando as problemáticas da subjetivação de uma heterossexualidade compulsória nas relações sociais. Por fim, buscaremos elucidar a necessidade da abertura de novas possibilidades de masculinidade.

**Palavras chaves:** Masculinidades; Heteronormatividade; Fenomenologia-existencial; Teorias de gênero; Franz Kafka.

## Abstract

The intention of this research is to reflect critically on the hegemonic model of man through the works of Franz Kafka. With this aim, we will seek to elucidate how a patriarchal society brings about inauthentic, violent, and detrimental relationships for the existence of man as a being-in-the-world. The existentialist thought of Sartre and Beauvoir, in dialogue with gender theories, will guide the research, naming the problematic aspects of the subjectivation of compulsory heterosexuality in social relations. Finally, we will seek to elucidate the need for the opening of new possibilities for masculinity.

**Keywords:** Masculinities; Heteronormativity; Existential Phenomenology; Gender theories; Franz Kafka.

## Introdução

O interesse em discorrer sobre masculinidades surge da necessidade de desenvolver produções que promovam a conscientização dos homens acerca de novas possibilidades de ser. Durante a infância e adolescência, foi possível observar,

[1-2]Universidade Santo Amaro

no contexto familiar, uma padronização do que significava "ser homem", sustentada por uma heteronormatividade rígida nas relações afetivas, produzindo um ambiente potencialmente alienante. Para evidenciar a relação entre masculinidade hegemônica e adoecimento, esta pesquisa analisa as obras A Metamorfose e Cartas ao Pai, de Franz Kafka.

Sob a perspectiva de Sartre (2014), o homem é lançado ao mundo e constrói sua essência a partir de suas escolhas, uma vez que a existência precede a essência. Contudo, ao existir, o sujeito encontra um mundo já significado, atravessado por uma linguagem historicamente construída que frequentemente legitima relações de dominação. Assim, a linguagem expressa liberdades anteriores à do indivíduo, inserindo-o em um campo ideológico alienante (Sartre, 2015). Como afirma o autor, o Para-si surge em um mundo já constituído para outros Para-sis, tendo o sentido do mundo alienado (Sartre, 2015).

Dialogando com Beauvoir (2019), compreende-se que o pensamento patriarcal produziu uma linguagem e práticas que colocam o homem hegemônico como sujeito absoluto, relegando mulheres e homens que desviam da norma à posição de Outros. Essa lógica se sustenta na ideia perversa de uma natureza fixa dos gêneros. Em Cartas ao Pai, Kafka descreve a figura paterna como autoritária, marcada por força física, voz potente e narcisismo. A violência simbólica e concreta vivenciada na infância produziu medo, culpa, angústia, insegurança e uma busca incessante por aprovação, resultando na desvalorização de si: "Perdi a confiança nos meus próprios atos. Tornei-me instável, indeciso" (Kafka, 2004, p. 38).

Segundo Bourdieu (2019), a dominação masculina configura uma armadilha também para os próprios homens, que precisam provar constantemente sua virilidade, produzindo relações inautênticas e adoecedoras. Nas relações de paternidade, Connell e Messerschmidt (2013) apontam que o vínculo pai-filho é tensionado pelas exigências institucionais do trabalho, que reduzem o tempo de convivência e reforçam o ideal do pai provedor. Nesse contexto, o amor é frequentemente mediado por bens materiais, o que, para hooks (2021), configura uma forma negligente de amar, baseada em recompensas e punições, produzindo medo e insegurança nos filhos, como evidenciado nos relatos de Kafka (2004).

Connell (2017) critica o conceito de "papel masculino" por seu viés determinista e biologizante, incapaz de abarcar fatores históricos, políticos e culturais. Articulando Sartre (2015) e Beauvoir (2023), compreende-se que a liberdade existencial é inseparável da angústia, pois não há valores ou essências pré-dadas. Para fugir dessa responsabilidade, muitos homens aderem ao "espírito de seriedade", sustentando valores fixos que justificam opressões. Kafka descreve essa postura ao afirmar que o direito do pai se fundava em sua pessoa, e não em seu pensamento (Kafka, 2004).

A repetição de performances de gênero baseadas na heteronormatividade legitima violências e produz existências inautênticas, marcadas pela repressão emocional, uso da violência, dificuldades relacionais e crises identitárias (Connell, 2017; Butler, 2023). Sartre (2015) denomina esse processo de má-fé, caracterizado pela negação da própria liberdade e da alteridade.

Em A Metamorfose, Gregor Samsa encarna o ideal do homem-provedor: trabalhador exausto, cuja vida gira em torno do emprego. Mesmo após sua transformação em inseto, sua preocupação central é o trabalho e o julgamento do chefe, evidenciando a fusão homem-máquina (Kafka, 2019). As instituições, apropriando-se da dominação masculina, oferecem projetos-doença, normalizando o desgaste corporal e subjetivo até o descarte do indivíduo quando não é mais produtivo (Carreteiro, 2014).

Assim, homens marginalizados são atravessados por sentimentos de inadequação, culpa e vergonha diante do olhar do Outro, especialmente quando não correspondem ao ideal de provedor. A masculinidade hegemônica, conforme Beauvoir (2019) e Connell (2013), emerge de uma estrutura patriarcal que subjetiva práticas adoecedoras, produzindo homens dominadores, cúmplices e marginalizados. Como afirma Butler (2023), o gênero funciona como performance compulsória com consequências punitivas.

Ainda que o sujeito encontre forças alienantes ao ser lançado no mundo, compreende-se o gênero como um produto histórico, aberto à transformação. Para que essa mudança seja consciente, é necessário compreender como o gênero é moldado e pode ser remoldado (Connell, 2013). À luz do existencialismo, afirma-se a responsabilidade do homem por seus desejos e ações, denunciando a cumplicidade e reafirmando a exigência ética de exercer a liberdade em direção a uma existência autêntica.

## Objetivos

### Objetivo geral

Identificar como uma sociedade marcada por uma ideologia patriarcal influencia as vivências do homem em seu cotidiano trazendo-o relações inautênticas e impactos psicossociais através da obras de Franz Kafka.

### Objetivo específico

- Identificar os efeitos ideológicos da linguagem como ferramenta de alienação.
- Aprofundar o conceito de essência diferenciando a teoria fenomenológica exis-

tencial das teorias de base essencialista para compreensão de gênero.

- Investigar os impactos psicossociais de uma heterossexualidade compulsória para Franz Kafka.
- Explicitar possibilidades de novas formações de masculinidade.

## Metodologia

O método é uma arma social e política." (Sartre, 2002, p. 20.)

A metodologia da pesquisa vigente se consiste numa análise reflexiva através das obras de Franz Kafka utilizando-se do método progressivo- regressivo de Sartre.

Para Bocca (2021) a perspectiva biográfica busca investigar a infância do sujeito interrogando os fatos vivenciados que o causaram impactos simultaneamente com as questões sociais, históricas e políticas de sua época numa relação dialética. O primeiro movimento sendo analítico-regressivo baseia-se na compreensão da inserção do indivíduo na família e microgrupos onde a criança descobrirá um mundo repleto de significações culturais pré estabelecidas.

O segundo movimento sendo sintético-progressivo baseia-se na compreensão do projeto existencial do indivíduo, entendemos a luz de Sartre (2015) que as escolhas humanas por mais insignificantes que possam parecer, possuem mesmo que de forma irreflexiva um significado e a intencionalidade de um projeto de ser. "Sendo assim, devemos descobrir em cada tendência, em cada conduta do sujeito, uma significação que a transcenda" (Sartre, 2015, p. 733) Por qual razão Franz Kafka tornou-se escritor? O que fez com que pensasse que casar e constituir uma família fosse o máximo da glória que um homem poderia ter? O que desencadeou o sintoma psicossomático da gagueira? O que fez desvalorizar constante seus trabalhos?

Buscaremos através de um vaivém dialético envolvendo passado, presente e futuro elucidar a singularidade das escolhas de Kafka com o entendimento que o sujeito é produto e produtor de sua história. A vida dos indivíduos por mais que sejam vividas de forma singular inevitavelmente carregam as marcas de sua classe, cultura e política. (Schneider, 2008)

Desta forma, todo fenômeno individual envolve um grupo, toda ação humana implica o coletivo-individual e o universal-singular; os fenômenos vivenciados pelos papéis de pai e filho da família Kafka envolvem dimensões singulares concomitantemente com dimensões coletivas nas relações de paternidade.

A insegurança, medo, culpa, ideal de provedor, a dificuldade de se relacionar de Kafka, envolvem problemas coletivos dentro do tema de masculinidades, diante disso, analisaremos sua experiência pessoal buscando compreender os impactos psicossociais que ainda atingem os homens que se esbarram com o modelo hegemônico.

## Resultados e discussão

### Contribuições do pensamento fenomenológico- existencial para teorias de gênero

O movimento fenomenológico-existencial contém em sua base epistemológica diversas reflexões pertinentes para compreensão do ser e sua relação histórica, social e política com o gênero através de uma ética que visa potencializar a existência do Outro e assegurar que haja uma abertura para novas possibilidades de ser-no-mundo. Desta forma, uma das maiores contribuições do pensamento fenomenológico- existencial é o conhecimento ético que os conceitos não são fixos tendo a necessidade contínua de serem reformulados para maior entendimento da realidade social e reafirmação da teoria enquanto ciência, afinal, como Heidegger nos traz "o importante é questionar a partir das necessidades próprias da atualidade e do futuro." (Heidegger, 2012, p. 4647).

Um dos principais alertas que Heidegger (2015) traz em sua principal obra "Ser e tempo" é que o ser é indefinível, portanto qualquer análise do Dasein é incompleta e provisória. Um dos entendimentos da teoria heideggeriana é que o tempo não é equivalente ao que verificamos em nossos relógios ou calendários, o tempo em Heidegger é compreendido através do movimento existencial do ser em suas três dimensões de tempo sendo passado, presente e futuro. (Cardinalli, 2021)

Portanto, segundo o autor alemão estamos sempre num movimento em que as três dimensões de tempo estão interligadas. "Primeiro: o tempo é o um após o outro da sequência de pontos de agora. Segundo: o tempo não é sem psique, animus, consciência, espírito, sujeito. Terceiro: o tempo, com referência a seu ser, é determinado pela compreensão do ser no sentido da presença" (Heidegger, 2017, p. 82). O Dasein é um ser histórico, temporal, um ser-no-mundo e com-outros, devido a isso, suas relações com o passado são inevitáveis uma vez que possuímos uma história que está relacionada com nossa constituição como sujeito. O Dasein nessa relação com o tempo é lançado num mundo com significados culturais e normas sociais que o tornam herdeiro de uma longa historicidade que influenciam em suas possibilidades de abertura mas não o limitam.

Cardinalli (2021) traz a concepção que a cotidianidade faz com que diversas o ser não se questione contemplando sua existência de modo impessoal e repetindo normas impostas sem qualquer senso crítico. Esse modelo denominado como "A gente" ganha força pelo indivíduo se autodeterminar com a finalidade de desviar-se da angústia e encontrar através das normas sociais um apoio contra a angústia ine-

rente ao ser.

No tempo o ser se depara com o presente do qual emerge as três dimensões temporais e onde vive concretamente sua facticidade. Para Heidegger (2015) o presente é quando o Dasein percebe que está lançado ao mundo de maneira fática onde através dessa facticidade vinculada com o próprio existir descobre que está em jogo seu próprio ser e suas possibilidades de existência. A descoberta dessa responsabilidade se dá através do distanciamento da cotidianidade que traz ao ser a estranheza de ser quem é, onde encontrará a angústia como parte fundamental de seu ser-no-mundo e fonte de um desdobramento do futuro através dos projetos existenciais. O futuro em Heidegger (2015) é a abertura de possibilidades fundadas na liberdade que o Dasein encontra nas suas formas de atuação no mundo da qual exigem uma responsabilidade consigo mesmo e com os outros. Dessa forma, como dito anteriormente, os projetos existenciais podem estar fundados numa repetição do passado posto a modalidade de ser "A gente".

Heidegger (2015) nos alerta de que o Dasein não possui uma determinação enfatizando o cuidado com o ser para construção de uma vida autêntica. Para isso há fundamentalmente a necessidade de criticar a repetição do passado, afinal "O óbvio tem seu privilégio no fato de que prescinde de uma fundamentação ulterior" (Heidegger, 2012, p. 45). Para o autor, a autenticidade requer um compromisso com a responsabilidade advinda da liberdade e uma revolução do pensamento e do ser onde devemos transformar as formas de vida abrindo movimento para novos inícios.

Sartre fortemente influenciado pelos pressupostos heideggerianos irá designar relevante conteúdo ao estudo da existência e essência como forma de ampliar a discussão, dessa forma conduzindo severas críticas aos modelos deterministas presentes na psicologia e filosofia.

Para Sartre (2015) a existência precede a essência portanto somos lançados ao mundo e através das nossas escolhas no decorrer da vida construímos nossa essência, não há nesse pensamento filósofo qualquer determinação biológica, social ou espiritual que esteja colocada ao ser, o homem é livre e condenado a essa liberdade. Sartre em seu tratado ontológico "O ser e o nada" irá postular dois modos de ser sendo Em-si e Para-si.

Como nomeia Silva (2019) o Em-si é pleno, fixo e rígido não contendo nenhuma alteridade sendo dessa forma capaz de ser definido, ou seja, o ser Em-si é o que é. Como forma didática, Sartre (2014) postula o clássico exemplo do corta-papel que possui classificações, qualidades e uma definição de utilidade definida, o homem ao

criar os objetos postula a essência deles anteriormente a sua criação, dessa forma os objetos são Em-si possuem uma natureza determinada, imutável e não questionam seu próprio ser. O homem diferentemente dos objetos, não possui uma definição pois sua essência não é pré-determinada, devido a isso, o homem é um ser que possui consciência de seu ser sendo dessa forma Para-si, um projeto inacabado fundado na liberdade de suas possibilidades de existência. "Permanece simplesmente no Para - si como uma lembrança do ser, como sua injustificável presença ao mundo" (Sartre, 2015, p. 139).

O nada habita o ser que não possui essencialmente uma definição, o passado é constituinte do desenvolvimento de todos como sujeito, mas o ser não é o passado. Portanto, para o existencialismo, o ser é o nada e o processo de nadificação que permite que a liberdade exista com o homem sendo o único ser capaz de inventar sua própria história. Postuladas as bases do pensamento heideggeriano e sartreano, podemos apresentar a principal contribuição da fenomenologia-existencial ao estudo de gênero com Beauvoir. Assumindo a base teórica de Sartre (2015) de que a existência precede a essência, Beauvoir (2019) possui a contribuição de trazer o gênero como uma construção social, onde nossos comportamentos, sentimentos, condutas e desejos não estão definidos pelo nosso gênero, mas construídos através da relação do sujeito com a sociedade.

Freitas (2021) estudiosa de Beauvoir, relata que uma das grandes contribuições de seu pensamento é a percepção de que todo saber é localizado, ou seja, cada autor carrega sua teoria concomitantemente com sua história, perspectiva e privilégios. Diante disso, podemos apresentar a crítica de que os modelos deterministas sobre o gênero predominantemente favorecem o modelo de homem hegemônico e por uma coincidência seus autores apresentam o mesmo privilégio social, portanto, o saber possui relação direta com as instituições sociais. Beauvoir (2019) em seus estudos apresenta o corpo como uma situação, dessa forma estamos sempre situados num mundo com significados históricos, políticos e sociais onde o corpo abrange as marcas desses significados.

O gênero e o corpo numa sociedade são atravessados pelas normas que privilegiam uns e condenam outros, diante disso, Beauvoir (2023) relata a importância da liberdade existencialista se constituir numa luta política entendendo que cada um depende inteiramente dos outros para conquista de direitos e um movimento de emancipação. O pensamento de Beauvoir abre margem para pensar uma psicologia baseada na ética em que ser livre é querer que o outro seja livre afinal "querer ser moral e querer ser livre são uma e a mesma decisão." (Beauvoir, 2023, p. 30)

## Linguagem e alienação

Um dos principais temas durante toda história da filosofia e psicologia é a linguagem que se apresenta como um tema fundamental para maior entendimento do ser e como se dá a constituição da identidade dos indivíduos de determinada sociedade.

Para Heidegger (2015) a existência humana é marcada ontologicamente pela determinação de estar num mundo compartilhado com os outros, sendo assim, a linguagem se torna essencial para quaisquer análise por se tratar do meio que faz com que esse mundo compartilhado exista. O Dasein compreende a linguagem como uma virtude de significância onde o mundo se abre para possibilidades, dessa forma, entende-se que a fala é uma maneira de pronunciar-se e ser-no-mundo. (Heidegger, 2015)

Seguindo o pensamento heideggeriano uma das classificações da linguagem denomina-se como falação onde nada novo é mencionado, o passado de uma cultura é nomeado e seguido sem qualquer questionamento e funda-se um cego autoritarismo. "trata-se de um falar contínuo sem nada dizer propriamente, um falar sem conteúdo original, isto é, um falar cujo conteúdo é o já dito e repetido de inúmeras formas, a ponto de se tornar indiferente a quem escuta." (Duarte, 2005, p. 138)

O existencialismo sartriano influenciado por Heidegger atribui para linguagem a importância de ser a ação do pensamento, onde o indivíduo manifestará seus gestos, emoções, angústias e seu ser-no-mundo. (Almeida, 2019) Segundo Sartre (2015) as manifestações da linguagem estão estritamente relacionadas ao fatos culturais, sociais e políticos; o homem como diz Sartre (2014) é condenado a ser livre e tornar-se quem quer ser, mas é livre num mundo repleto de significados pré-existentes.

Esses significados políticos colocam o indivíduo num terreno infestado de alienação onde o autor afirma que não há como desassociar o indivíduo singular do universal, muito menos olhar o individual sem o coletivo. Portanto, existe a necessidade de compreensão da universalidade e dos coletivos do tempo histórico do qual estamos inseridos simultaneamente com a materialidade e as definições sociais para entendimento da formação do sujeito. (Junior, Bonifacino; Roso, 2016)

As contribuições filosóficas de Heidegger e principalmente Sartre, foram essenciais para o pensamento de Beauvoir que revolucionou as teorias de gênero com sua obra "O segundo sexo" publicada em 1949, mas antes de quaisquer fundamentação teórica a respeito de Beauvoir se torna essencial para entendimento do pensa-

mento beauvoiriano não colocá-la como mera reprodutora dos conceitos existencialistas, a autora elaborou uma filosofia original que colocou em pauta a opressão de gênero servindo de bases para diversas revoluções de pensamento, não escrevendo apenas obras filosóficas mas obras políticas, sociais e históricas que promoveram um alerta sobre a necessidade concreta de uma filosofia alinhada com a práxis. (Johanson, 2020)

Para Beauvoir (2019) a linguagem que emerge no cerne da sociedade patriarcal é alienante por enxergar o homem como sujeito, absoluto e a mulher como o Outro, inessencial; essa alienação ocorreu por discursos que visaram propor uma natureza do gênero onde categorias como homem e mulher recebem suas significações e determinadas funções a serem exercidas. O homem é um semideus, dotado de autoridade, força, inteligência e responsável pela manutenção das riquezas da família; a mulher é o Outro, sendo assim, relativa ao homem, passiva, fraca, excessivamente emotiva e responsável pela manutenção da vida do lar através de limpeza, comida e cuidado com os integrantes da casa. (Beuavoir, 2019).

Para Butler (2023) esses discursos coercitivos buscam instituir aos indivíduos normas de gênero afim de exercer uma manutenção dos valores heteronormativos que geram uma opressão para qualquer desvio. Segundo a autora a naturalização de determinadas condutas sociais ditas como masculinas ou femininas derivam de uma série de performances de gênero repetidas que visam a legitimação de um modelo único de agir.

Entretanto, para autora devemos olhar as performances de gênero como uma construção social, a performance instituída para homens e mulheres que visam impor uma norma de roupas, gestos, falas, comportamentos sexuais, formando assim um modelo hegemônica de masculinidade e feminilidade é escassa; se o gênero é um ato, uma construção social concomitantemente ele se apresenta como mutável e plausível de que ocorra mudanças sociais através de reflexões do indivíduo como sujeito histórico, político, ético e estético. (Butler, 2023)

A masculinidade hegemônica segundo Connell e Messerschmidt (2013) é uma forma normativa que através de discursos foi classificada como a maneira mais viril, racional e honrada de ser homem. Não necessariamente, a masculinidade hegemônica é a forma que todos os homens se apresentam, mas é a forma de masculinidade que visa impor e se mantém através das estruturas de poder elegendo uma maioria dominante e uma minoria oprimida no sentido de Deleuze e Guattarri "Maioria implica uma constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada [...] A maioria supõe um estado de poder e dominação, e

não o contrário." (Deleuze; Guattarri, 2011, p. 55)

A formação da masculinidade hegemônica está estritamente ligada à alienação que contém uma série de entendimentos sob o campo social. Essa forma de masculinidade como dito anteriormente se autodenominou superior, promovendo assim, a violência e marginalização de outras formas de ser homem. "Em primeiro lugar, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. "(Connell, 1995, p. 189)

Para Sartre (2002) a alienação se dá pelo indivíduo em sua infância encontrar um campo social formado por saberes cristalizados nas instituições e coletivos. Nesse sentido, o autor nomeia que somos modelados por nossas condições sociais mas através delas encontramos os instrumentos necessários para construção de uma remodelação das normas vigentes com os projetos que fazem sentido para existência. O grande conflito se dá por nesse campo social o ser deparar-se com seu corpo num entendimento de conservação da vida, ou seja, sobrevivência; Butler (2023) assinala que em sistemas sociais onde permeiam uma heterossexualidade compulsória a repetição de determinados valores e práticas pode ser interpretado como uma questão de sobrevivência para o indivíduo uma vez que performances desviantes encontram claras punições simbólicas e físicas.

## Paternidade

A análise da relação entre pai e filho é essencial para entendermos a formação das masculinidades.

De acordo com Bocca (2021), a família atua como o primeiro grupo social e serve como mediadora no contato inicial da criança com a sociedade, dessa forma, a construção da identidade de determinado sujeito está estritamente vinculada com suas relações familiares e com a sociedade, uma vez que ambos possuem ideologias pré estabelecidas sobre comportamentos e papéis de gênero.

Por conta disso, o estudo da paternidade é fundamental pelo pai ser a primeira figura masculina na vida do filho e fonte da maior influência no desenvolvimento psíquico, uma vez que ele contribui significamente para internalização de determinadas condutas e o entendimento sociocultural do que é esperado de um homem. (Connell, 2013)

Para aprofundamento do estudo da relação de pai e filho, será realizada uma análise das obras de Franz Kafka, cujo escritos ofererecem uma visão do sofrimento

em estar em contato com a masculinidade hegemônica.

Em "Cartas ao Pai", Kafka (2004) descreve seu pai como uma figura tirânica, forte, com uma voz potente, superior aos demais e um alguém que lhe causava medo; o escritor relata que seu pai acreditava essencialmente que o sentido de ser homem estava baseado em trabalhar pesado, casar e sacrificar tudo pela felicidade dos filhos e complementa "Tu podes tratar um filho apenas na medida em que tu mesmo foste criado, com força, barulho e cólera" (Kafka, 2004, p. 24)

Diante dessa afirmação, podemos notar que não se trata somente da relação de dois indivíduos, mas como assinalam Connell e Messerschmidt( 2013) de que a construção da masculinidade está relacionada a internalização de uma norma social que é passada e repassada em que essa norma masculina está ligada diretamente à violência, dificuldade de demonstrar afeto e autoridade. Mediante pensamento de Connell e Messerschmidt (2013) a perpetuação desse estilo de ser configura a denominada masculinidade hegemônica, uma forma de ser homem classificada como a mais nobre e honrosa, masculinidade que se caracteriza especialmente pela opressão por estabelecer um padrão a ser seguido e marginalizar às masculinidades desviantes.

De acordo com Sartre (2015) nossas relações concretas com o Outro constituem uma enorme importância para construção do nosso desenvolvimento e percepção como sujeito sendo a vergonha um dos temas fundamentais para compreensão dessa relação.

A vergonha surge no momento que o indivíduo se percebe como visto; é o reconhecimento de si como objeto para o Outro, uma experiência de exposição onde o sujeito se percebe julgado e reduzido a esse olhar evidenciando o conflito entre ser Para si e ser Para-Outro ."Reconheço que sou como o Outro me vê." (Sartre, 2015, p. 306). Realizando um paralelo com a masculinidade hegemônica, a vergonha se configura como um mecanismo de controle social, onde por trás de um olhar há uma cultura, política e expectativas sociais a serem seguidas ou rejeitadas. Frequentemente, os homens que rejeitam seguir o modelo pré estabelecido configurado em atitudes de autoridade, força e repressão dos sentimentos, que sustentam os pilares do modelo hegemônico, são confrontados pela vergonha que os colocam como fracos e inadequados. Como assinala Sartre "a consciência emocional é, em primeiro lugar, consciência do mundo" (Sartre, 2006, p. 55), dessa forma, a vergonha não é somente um sentimento individual vivenciado pelo indivíduo, mas uma resposta à sensação de não pertencimento aos padrões exigidos.

Essa experiência é bem ilustrada na obra "A metamorfose" de Franz Kafka.

Nessa obra conhecemos o personagem Gregor Samsa, um homem dedicado exclusivamente para família e trabalho que acorda determinado dia transformado num inseto monstruoso.

A transformação de Gregor pode ser interpretada como uma metáfora à sensação de inadequação que emerge quando o sujeito não consegue corresponder às expectativas sociais vigentes; o personagem após a transformação perde seu posto de provedor e permanece o dia inteiro trancado no quarto com vergonha dos familiares e de si mesmo.

"Gregor continuava sendo um membro da família que ninguém podia tratar como um inimigo, mas diante do qual o mandamento do dever familiar era engolir o asco e tolerar, tolerar e nada mais." (Kafka, 2019, p. 69). O personagem é visto como algo descartável sendo excluído e reduzido de sujeito para objeto.

A figura apresentada por Kafka é um exemplo perceptível da noção de vergonha para Sartre (2015), Gregor se enxerga com os olhos dos outros tratando a partir disso, sua existência como um fardo. Essa forma de exclusão mencionada na obra traz questionamentos acerca de como a sociedade lida com aqueles que não seguem a norma imposta.

Durante toda obra é mencionado como Gregor é dedicado em seu trabalho apesar da exploração e desumanização, dessa forma, um dos pontos principais pontos para que o personagem adoecesse por completo foi a perca do posto de provedor afetando significamente sua autoestima.

## Conclusão

Ao longo desta pesquisa, buscou-se desvelar o conceito de masculinidade hegemônica através de uma perspectiva fenomenológica-existencial tendo como análise as obras de Franz Kafka. Em suas obras, temos contato com suas vivências pessoais e personagens que vivem de forma angustiada suas relações com trabalho, paternidade e às expectativas sociais do que ser homem representa na sociedade.

A partir de autores como Heidegger, Sartre e Beauvoir, foi possível compreender as contribuições da fenomenologia-existencial para compreensão do gênero com as denúncias a uma suposta essência do ser imutável e o reconhecimento de que a masculinidade, nesse sentido, é um projeto coletivo-individual que emerge numa sociedade marcada por concepções políticas, culturais e históricas.

Nesse percurso, também foram ressaltadas as contribuições de estudos contemporâneos sobre gênero através das teorias de Connell e Butler que evidenciaram

que a masculinidade hegemônica se colocou como a forma ideal de performar o ser homem e que é sustentada através de práticas de exclusão especialmente nas instituições e nas relações do homem com trabalho e paternidade. Através das obras de Kafka, evidencia-se os efeitos adoecedores da masculinidade hegemônica revelando seu ser-no-mundo atravessado por sentimentos de vergonha, culpa e inadequação. Durante sua vida pessoal e através de seus personagens, Kafka trouxe em suas obras os conflitos internos de um sujeito angustiado pelas exigências sociais e pela tentativa frustrada de corresponder à um ideal de masculinidade.

Entretanto, Kafka ao narrar sua história, dores e frustrações, também aponta para possibilidades de existência que diferem do ideal heteronormativo. Sua escrita marcada pela presença da vulnerabilidade e desvelamento dos efeitos da masculinidade hegemônica revela a necessidade de pensarmos novas formas de ser homem na sociedade e a urgência de teorias psicológicas comprometidas com o entendimento da constituição da masculinidade em nossa sociedade.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. Para uma Moral da Ambiguidade São Paulo. Edições 70, 2023.

BOCCA, Marivania Cristina. Psicanálise existencial e o método progressivo regressivo: Experiência psicopatológica em Jean-Paul Sartre, São Paulo. Editora Appris. 2021

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre perfomance, perfomatividade e peregrinações conceituais. Rio de Janeiro. Cadernos Pagu (43) julho - dezembro. 2014

Butler, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. São Paulo, SP: Civilização Brasileira. 2023

CARRETEIRO, Teresa Cristina. A doença como projeto: Uma contribuição à análise de formas de afiliações e desafiliações sociais. B.B Sawaia (Org) As artimanhas da exclusão ( p 87-95). 2001

CONNELL, Robert W. & MESSERSCHMIDT James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos feministas, Florianópolis.( p. 241 - 282), 2013.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade.Educação & Realidade, 2017.

DELEUZE, Giles & GUATTARI, Félix. Mil platôs v3. São Paulo. Editora 34. 2011

FOUCAULT, M. História da sexualidade II: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2020

FREITAS, Sylvia Mara Pires de. Psicólogo do trabalho no mundo das práxis capitalista: reflexões fenomenológico-existenciais. abordagem gestalt., Goiânia , v. 15, n. 2,

p. 157-168, dez. 2009. Rev.

Freitas, Sylvia Mara Pires de. Psicologia existencialista de grupos e da mediação grupal: contribuições do pensamento de Sartre. São Paulo. Appris Editora. 2018

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Rio de Janeiro, Editora vozes, 2015

HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro. Rosa dos tempos, 2018

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas, São Paulo, Editora Elefante, 2021.

KAFKA, Franz. Cartas ao Pai, Porto Alegre, L&PM Pocket. 2004

KAFKA, Franz. A metamorfose, Jandira, São Paulo, Ciranda Cultural, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. Questão de método, Rio de Janeiro, DP&A, 2002

SARTRE, Jean-Paul. Esboço para uma teoria das emoções, Porto Alegre, L&PM, 2006

SARTRE, Jean-Paul. O humanismo é um existencialismo. Rio de Janeiro: Vagas de Bolso, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015

SCHNEIDER, DANIELA. O método biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para Psicologia, Rio de Janeiro, Estudos e pesquisa em psicologia, UFRJ. 2008

SZYMANSKI, L.; SZYMANSKI, H.; FACHIM, F. L.. Interpretação como des- fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa,. Pro-Posições, v. 30, p. e20180014, 2019.